

Estudo comparativo entre os romances “Às avessas”, de Huysmans e “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde

Jacob Isaacc Birer Junior

No século XIX, na Europa, o capitalismo como modo de produção tinha se imposto e sua classe, a burguesia, era hegemônica. O capitalismo amplamente vitorioso, inclusive com a tomada do Estado na Revolução Francesa de 1789, não realizou o sonho de prosperidade e igualdade para todos, como se esperava. Muito pelo contrário. Na segunda metade do século XIX, havia na Europa milhões de miseráveis vagando pelas grandes cidades industriais, vendendo sua força de trabalho a preços vis e mendigando um prato de comida para sobreviver. O poeta, antena do futuro, que durante décadas via a exploração selvagem do capitalismo e sentia prazer ao menos em ridicularizar o burguês, percebe angustiado que a burguesia, detentora dos meios de produção, controladora do aparelho de estado, e produtora da ideologia dominante, pouco se importa com as críticas a ela dirigida. Há um imenso progresso técnico, em que uma casta privilegiada, a burguesia rica, goza das invenções e dos avanços da tecnologia e ciência enquanto milhões perambulam pelas ruas sem destino. Parece não haver salvação nem na religião nem na ciência. O poeta, então, se enche de desencanto, de um tédio profundo e adquire um mal do século, o desencanto do fim do século, a decadência finissecular. Surge assim em torno de 1880 o movimento do Decadentismo, também chamado Esteticismo ou Estetismo, do qual os principais nomes são Huysmans e Oscar Wilde.

“Por volta de 1880 até o começo do século XX, a idéia do Decadentismo era o eixo em torno do qual girava o mundo literário”, dirá com precisão Mario Praz, citado por Latuf Isaias Mucci, em *Ruína e Simulacro*. Precursor de todas as vanguardas, o decadentismo tinha como pressuposto a arte pela arte (“a arte não exprime senão a própria arte”, dirá Oscar Wilde), a estética acima da ética, o culto à beleza, uma revolta contra todos os valores e princípios religiosos e racionalistas, contra o iluminismo, o positivismo, a tecnocracia, a moral burguesa.

As fontes de inspiração para o decadentismo são o pessimismo de Schopenhauer, as idéias de Hartmann, o pensamento de Nietzsche. “A partir de uma visão irracionalista do mundo, o decadentismo traz o estigma decadentista schopenhaueriano, que causou a ferida de um profundo tédio”. (MUCCI, 1994). Hartmann, filósofo alemão, associou ideais de Schopenhauer, Hegel, Schelling e Nietzsche, terminando por postular uma postura nihilista, em que o retorno ao nada vale mais do que a vida. Nietzsche, por sua vez, propõe a fruição total da vida, que vê como trágica. O decadentista se vê assim entre o pessimismo e o prazer.

O decadentismo vai ser formalmente contra o movimento literário do realismo-naturalismo, ainda que dele não consiga se livrar totalmente. Outrossim, o decadentismo poderá ser visto também como uma espécie de Romantismo tardio, ainda que possuidor de uma estética diferente da do Romantismo.

As influências imediatas do decadentismo foram Baudelaire, autor do livro de poemas, *As Flores do Mal*; Gustave Moreau, pintor do quadro *Édipo e a Esfinge*, de 1867; Walter Horatio Pater, com os ensaios do volume *A Renascença*, de 1873, e o romance *Mario, O Epicuro*, de 1835; Gautier, com seu famoso romance *Mademoiselle de Maupin*, de 1835, Jules Barbey d'Aurevilly, com seu ensaio *Do Dandismo e de G. Brummel*; e o poeta norte-americano Edgar Allan Poe.

O decadentismo, também chamado Esteticismo e Estetismo, foi um movimento de grande intensidade e de curta duração. As grandes figuras do Decadentismo são Huysmans, com seus *Às Aves-sas*, e Oscar Wilde, com seu *O Retrato de Dorian Gray*. O presente trabalho pretende ser uma análise comparativa dessas duas obras.

O movimento decadentista merece ser estudado porque viria a influenciar todas as vanguardas, o simbolismo, o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo, o modernismo. Alguns teóricos entendem que os tempos atuais podem ser vistos como neodecadentistas, o que seria mais um motivo para realizar tal estudo.

Antes de entrarmos na análise comparativa das duas obras, é necessário algumas considerações sobre as características do movimento, que são basicamente, três: o dandismo, a androginia e a artificialidade como simulacro.

O dândi é o homem que se veste com extremo apuro, com refinamento e originalidade, sendo capaz de causar espanto e escandalizar. No Decadentismo, o dândi vai ser mais do que um traje bem

cortado ditando moda; vai ser um dandismo filosófico e literário; vai ser trágico e fatal. Baudelaire, o pai da poesia moderna, ídolo máximo dos decadentistas, no “O Pintor da vida moderna”, conceitua dandismo como “uma instituição vaga; tão estranha quanto o duelo; muito antiga, pois César, Catilina, Alcebíades são exemplos brilhantes; muito geral, uma vez que Chateaubriand o encontrou nas florestas, às margens dos lagos do Novo Mundo”. O dândi é refinado, narcísico, diferente, altivo, trágico, estigmatizado pela fatalidade, rebelde, contra a ordem estabelecida. No Decadentismo, os principais personagens vão ser dândis, assim como também os principais escritores. Na verdade, os decadentistas vão propugnar para que se viva de acordo com a ficção, pois a vida imita a arte e não o contrário, como sempre se falou.

O dândi é o homem aristocrático (ou o que se apresenta como tal) que se veste com apuro diferenciado, é contra a ética do trabalho imposta pelo capitalismo de produção, e que flana pelas ruas das grandes metrópoles industriais da Europa, basicamente Paris e Londres. Segundo Walter Benjamim, “o flâuner é o homem das multidões”, é o homem que se entrega à errância, a andar sem destino. O narcisismo exacerbado do dandismo vai levar, inexoravelmente à busca da perfeição, que desemboca no mito da androginia, qual seja, a busca da outra metade que segundo as reminiscências platônicas todos teriam e nos tornaria perfeitos. O herói decadentista é sempre um personagem andrógino, metade homem, metade mulher, homem que se parece mulher – tanto os personagens como os artistas. Oscar

Wilde, casado, pai de dois filhos, é o maior escritor vivo da Inglaterra de 1891, reverenciado por todos, temidos por muitos, odiados por alguns, quando conhece Lorde Alfred Douglas, com o qual terá um relacionamento homossexual, que o levará à prisão e à morte – paixão e ruína, anti-convencionalismo e morte. Dorian Gray, o mais famoso personagem de Wilde, é um menino tão bonito que parece uma mulher e tem uma única paixão na vida, amar a si mesmo o tempo todo, pelo que as mulheres não têm nenhuma importância.

O Decadentismo rompe com o realismo-naturalismo, com suas descrições cruas da vida comum e rompe também com o romantismo, no tocante ao seu apego à natureza, às coisas da terra. O decadentista abomina a natureza, o campo, o mato, vendo a natureza com a visão sadiana (do Marquês de Sade) de perversa, devoradora. O decadentista vê no artifício, no simulacro, uma marca do ser humano. Ainda uma vez é Baudelaire que vai defender o mito do artifício, entendendo ser louvável o ideal artificial, a embriaguez artificial, os paraísos artificiais, como a poesia, o vinho, o haxixe, a maquiagem, o dandismo.

J. K. Huysmans foi discípulo de Zola, o maior expoente do naturalismo, até romper com o mestre e escrever *Às Avestas*, publicado em 1884, cujo herói, des Esseintes, é um dândi parisiense, aristocrático, entediado que se retira da capital francesa e vai morar em uma mansão na periferia, cercado de objetos artísticos, encolhidos a dedo, ligado à estética, à beleza. É um romance praticamente sem ação, onde nada ocorre, quase um conjunto de monografias sobre conceitos

de artes. No final do romance, o protagonista que sofria devido à sua necessidade de terceiros – jardineiro, cozinheiro, dentista, médico – se vê obrigado a retomar à civilização por ordem médica por causa de uma doença, sendo derrotado do sonho de uma vida voltada para a Estética longe da gentalha.

Oscar Wilde, ensaísta e dramaturgo inglês, publicou, em 1881, seu único romance, *O Retrato de Dorian Gray*, que se tornou um tratado sobre o Esteticismo, a escola artística e cultural também conhecida por Decadentismo. É a história de um rapaz extremamente bonito, Dorian Gray, que causa uma estranha fascinação em quem o conhece, que tem o seu retrato pintado por um artista. Dorian Gray faz um pacto faustiano (com o Demônio) de que permaneceria eternamente jovem e bonito enquanto seu duplo, seu retrato, envelheceria e refletiria sua verdadeira deterioração física e moral.

Alguns estudiosos entendem que Gautier em seu *Mademoiselle de Maupin* revisita Baudelaire, assim como Huysmans relê Gautier, e que Wilde revê Huysmans. Quanto a Wilde e Huysmans o encontro é textual, havendo uma admiração do protagonista de *O Retrato de Dorian Gray* por *Às Avessas*, conforme se vê na seguinte passagem:

“Era o livro mais estranho que tinha lido. Teve a impressão de que os pecados do mundo, vestidos de maneira singular, desfilavam diante dele em mudo cortejo, ao som delicado de algumas flautas. Coisas com que tinha sonhado confusamente se tornavam repentina-

mente reais para ele. Coisas que nunca tinham sonhado se revelavam aos poucos.

Era uma novela sem enredo, com um só personagem, na realidade um simples estudo psicológico de um jovem parisiense, que passava a vida tentando concretizar no século XIX todas as paixões e maneiras de pensar de todos os outros séculos, com exceção do seu. ... (...) o estilo era curiosamente rebuscado, vivo e obscuro, ao mesmo tempo cheio de argot (gíria) e de arcaísmos, de expressões técnicas e de paráfrases trabalhadas que caracterizam a obra de alguns dos mais ilustres artistas da escola francesa dos Simbolistas. Havia metáforas tão monstruosas e de cores tão sutis que lembravam orquídeas”. (O Retrato de Dorian Gray. P. 149)

Os ideais estéticos decadentistas privilegiam o andrógino, o masculino tão bonito que parece uma mulher, mas não é mulher. Há mesmo horror à mulher. O decadentista é misantropo, odeia a humanidade de um modo geral, odeia a burguesia que considera grosseira, e é ainda misógino, odeia a mulher que considera natural demais; a mulher para o decadentista deverá ser preferencialmente a *femme fatale* ou a lésbica. Baudelaire vai afirmar que a mulher é o oposto ao dândi. Portanto, deve inspirar horror (...) A mulher é natural, ou seja, abominável. Os protagonistas de *Às Avestas* e *O Retrato de Dorian Gray* não têm envolvimento profundo com mulheres, ainda que não sejam assumidamente homossexuais. Des Essenties quando se envolve com mulheres, vai fazê-lo com Mis Urânia, mas a larga rapidamente porque ela não aceita o papel de masculino. Sua decepção

é visível: “(...) contudo, tão logo pôde satisfazer seus desejos, desapontou-se além do possível. Imaginara a americana estúpida e bestial como um lutador de feira, e todavia sua bestialidade era infelizmente feminina”. (*As Aversas*, p. 135)

Dorian, por sua vez, tem um envolvimento breve com a jovem atriz Sibyl Vane: ao abandoná-la, leva-a ao suicídio, sendo a participação no episódio devidamente registrada pelo retrato mágico, com um vinco horrendo no rosto. Os outros envolvimento de Dorian com mulheres no livro são meros divertimentos, exercícios hedonistas que estão a anos-luz do amor romântico. Na realidade, des *Essenties* é aparentemente impotente como Huysmans, enquanto que Dorian é aparentemente homossexual como Wilde. Ainda que a opção homossexual seja depois celebrizada pelo próprio Wilde em seu julgamento nos tribunais ingleses como o “o amor que não ousa dizer o nome”, relações intensas Dorian tem mesmo é com Lorde Henri, que é seu tutor espiritual e talvez amante, ou com o pintor Basílio Hallward, sem que o livro jamais afirme textualmente tal relação. Também não afirma expressamente a relação homossexual que Dorian teve com um ex-amigo, o químico Allan Campbell, tenebrosa a ponto de obrigar este a dissolver o cadáver de Basílio Hallward, o pintor do retrato mágico de Dorian Gray, e por este assassinado. A relação de Dorian com o ex-amigo, ainda que jamais explicitada, é tão tenebrosa que leva o químico ao suicídio, deixando suficientemente claro ao leitor do século XIX que seria o homossexualismo.

O Decadentismo é o romantismo tardio e ao mesmo é ruptura do romantismo. Um dos pontos em que mais se diferenciam é quanto à natureza, cultuada pelo romantismo, com sua visão rousseana do bom selvagem. Enquanto que o Esteticismo repudia a natureza, sendo um dos seus princípios basilares o culto ao artificial, ao simulacro. Huysmans odeia a natureza em *Às Avessas* chegando ao paroxismo de tentar enquadrar a natureza no seu projeto estético: “Depois das flores artificiais a imitar as verdadeiras, queria flores naturais que imitassem as falsas”. (*Às Avessas*, p. 121).

A artificialidade era a base do Decadentismo; por isso a orquídea, flor exótica que na Europa só pode ser obtida em estufas será a flor do Decadentismo. Tanto Huysmans como Wilde vão entronizá-la nos dois textos comparados, chegando mesmo Dorian Gray a usá-la na lapela.

Gustave Moreau, o pintor, será descoberto por Huysmans, que não lhe economizará elogios em *Às Avessas*. Um dos mitos decadentistas será a personagem bíblica Salomé, a filha de Herodias, que enlouquece o padrasto Herodes de paixão, e por sua vez se apaixona por João Batista, o profeta que veio ao mundo anunciar a vinda do Messias. Não sendo correspondida pelo santo, Salomé dança para Herodes exigindo a cabeça de João Batista como pagamento e a recebe numa bandeja, sendo morta em seguida. Salomé será um quadro pintado por Moreau, que impressiona tanto Huysmans que o cita detalhadamente. Huysmans verá Salomé como a Deusa da Histeria,

da Beleza Maldita. Já Wilde elaborará sua mais famosa e polêmica peça, Salomé, baseado em tais conceitos.

O poeta decadentista é contra o burguês, especialmente seu utilitarismo, seu racionalismo, seu pragmatismo, sua concepção da mulher como mãe, simples reprodutora. No entanto, ainda que as idéias socialistas e marxistas estejam no auge na Europa de 1890, com inúmeros intelectuais defendendo as classes menos favorecidas, o decadentista é também anti-proletário. O decadente é um aristocrata, e assim quer ser visto. O decadentista cultiva a perversão, o vício, a nevrose, a morbidez o distanciamento do burguês e do proletário.

Os protagonistas de *Às Avestas* e *O Retrato de Dorian Gray* são aristocratas entediados, que não precisam trabalhar para viver com o alto padrão, graças a heranças recebidas de outras gerações. Ambos podem se dar ao luxo de realizar suas fantasias de outras gerações. Assim, des Esseintes pode mandar cravejar o casco de uma tartaruga viva com brilhantes e pedras preciosas – o fato do animal vir a morrer não o incomoda. Dorian tem recursos financeiros para alimentar seus vícios inconfessáveis, inclusive o ópio, não importando o preço pago. São os vícios também que o levam a freqüentar lugares sórdidos com prazer.

Da mesma forma, tanto Dorian Gray, protagonista de *O Retrato de Dorian Gray*, como o Des Esseintes, protagonista de *Às Avestas*, entregam-se à *flânerie*, assim como também os dois escritores, Wilde e Huysmans.

Às *Acessas* rompe com a narrativa romântica e realista de contar uma história com o começo, meio e fim – na verdade, nem ação tem, sendo um conjunto de ensaios sobre estética e objetos estéticos, como livros finos e raros, jóias, flores, móveis, decoração. Podemos dizer que é uma precursor do romance pós moderno, com seus textos fragmentados, descontinuados, sincopados. Já *O Retrato de Dorian Gray* segue um modelo narrativo tradicional, não imitando Às *Acessas* nesse aspecto. O romance de Wilde é linear, porém é também um ensaio sobre o Esteticismo professorado pelo autor. Em *O Retrato de Dorian Gray*, Lorde Henry, aparentemente o próprio Wilde, se encarrega de ensinar vida e arte a Dorian. Entretanto, de forma ainda mais didática o prefácio da obra, escrito por Wilde, imortaliza várias proposições estéticas decadentistas que merecem ser reproduzidas: “O artista é o criador de coisas belas”. Ou ainda: “Revelar a arte e ocultar o artista é a finalidade da arte”. Para Wilde a literatura não tem moral: “Um livro não é, de modo algum, moral ou imoral. Os livros são bem ou mal escritos. Eis tudo”. Ainda mais: “Na realidade, a arte reflete o espectador e não a vida”. (*O Retrato de Dorian Gray*, prefácio).

As duas obras causaram escândalo quando de sua publicação, sendo a de Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, usada até no seu julgamento pela justiça inglesa, quando foi condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados, devido ao seu envolvimento homossexual com Lorde Alfred Douglas. Os dois livros, apesar de sua estética decadentista, favorável ao vício e ao mórbido, terminam com

lição de moral. Des Esseintes, apesar de seu ódio à Paris e à sociedade de seu tempo, é derrotado pela doença, um aspecto pobre e mesquinho da natureza, que o faz voltar derrotado à civilização, deixando claro que é impossível viver fora da sociedade, não importando se esta é boa ou má, se professa os valores estéticos dos decadentistas ou não. *O Retrato de Dorian Gray* é ainda mais didático, mais moralista ainda, pois Dorian Gray é morto com uma faca no coração quando tenta matar, destruir o retrato mágico, seu duplo, que reflete todos os seus pecados, sendo uma máscara horrenda.

Vários teóricos sugerem que o decadentismo é dionisíaco, pela sua atração pela sombra, pelos infernos, por Hades, pelo desrespeito a papéis sexuais e familiares tradicionais, pela corrupção. Des Esseintes, o protagonista de *As Aversas*, em um dado momento, por exemplo, tenta fabricar um assassino, fazendo um jovem pobre conhecer um cabaré, pagando suas despesas, esperando que ele venha a roubar e matar em busca de dinheiro para obter novamente os prazeres sexuais e alcoólicos..

É ainda do Decadentismo a tese de que o artista deveria viver sua própria arte, fazer da própria vida uma obra de arte. Também nisso os dois autores comparados guardam semelhanças. Não foi à toa que Huysmans deixou o mundo e entrou para um convento e Wilde, depois de escrever sobre um garoto bonito que fascinava e destruía a todos em seu redor, conheceu ele próprio o garoto bonito real, Lorde Alfred Douglas, que o fascinou e o destruiu, vivendo um

relacionamento homossexual na Inglaterra puritana de 1896, sendo encarcerado e vindo a morrer logo em seguida.

Por fim, vamos apresentar uma conclusão sobre o trabalho realizado. Assim, entendemos que efetivamente as duas obras analisadas, *Às Avestas*, de Huysmans, e *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, guardam muitos pontos de semelhanças, Principalmente por serem ambas obras que se pretendem divulgadoras dos conceitos dos decadentistas, o Esteticismo. As duas obras têm como protagonistas um dândi, ambas as obras são defensoras da androginia, ambas as obras defendem o artifício, o simulacro.

Deve ainda ser registrado ainda a influência que o Decadentismo exerceu nas chamadas vanguardas do início do século XX, que por sua vez, continuam a ter reflexos na contemporaneidade do pós-modernismo, que podemos observar no estudo comparativista.

Referências Bibliográficas

WILDE, Oscar. O Retrato de Dorian Gray. **In:** Obra Completa, Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

HUYSMMANS, J.K. Às Avestas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MUCCI, Latuf Isaias. Ruína e Simulacro Decadentista: uma leitura de II Piacere, de D'Annunzio. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

PAGLIA, Camile. Personas Sexuais. São Paulo: Companhia das Letras, 1994